

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO BRASIL SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING HOMOFÓBICO¹

SOCIAL REPRESENTATIONS OF ADOLESCENTS IN BRAZIL ON THE CONSEQUENCES OF HOMOPHOBIC BULLYING

Emerson Heleno Vicente da Cruz²

Leonardo Lemos de Souza³

Henrique Caetano Nardi⁴

Resumo: Este artigo analisou as representações sociais de 178 adolescentes brasileiros de 11 a 16 anos sobre as consequências do bullying homofóbico, utilizando vídeos como estímulo em 45 grupos focais. A análise temática revelou que os adolescentes reconhecem as consequências negativas do fenômeno. Todavia, identificam efeitos positivos, o que legitima a dinâmica de violência e indica um esvaziamento do que se entende como o papel da escola na luta contra a homofobia. Destaca-se a urgência de políticas antibullying que envolvam a comunidade escolar, rompam o silêncio e promovam ações efetivas contra a violência.

Palavras-chave: Adolescência; Bullying Homofóbico; Saúde Mental.

Abstract: This study analyzed the social representations of 178 Brazilian adolescents aged 11 to 16 regarding the consequences of homophobic bullying, using videos as stimuli in 45 focus groups. The thematic analysis revealed that adolescents recognize the negative consequences of this phenomenon. However, they also identify positive effects, which legitimize the dynamics of violence and point to a weakening of the school's role in combating homophobia. The study highlights the urgency of anti-bullying policies that engage the school community, break the silence, and promote effective actions against violence.

Keywords: Adolescence; Homophobic Bullying; Mental Health.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

1 Este estudo contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes, Processo n.º 0733/14-8), cujo apoio foi fundamental para o seu desenvolvimento. Além disso, a finalização do artigo foi possível graças à bolsa de pós-doutorado concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, Processo n.º 2023/00367-3).

2 Doutor em Psicologia Social e Organizacional - Universitat de Barcelona; Bolsista Pós-doutoral - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus Assis; E-mail: emerson.v.cruz@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5906-7400>.

3 Doutor em Educação; Professor Titular Departamento de Educação do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de São José do Rio Preto; E-mail: leonardo.lemos@unesp.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3331-1847>.

4 Doutor em Psicologia Social; Professor Titular - Departamento de Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); E-mail: hcnardi@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6058-1642>.

Introdução

A escola desempenha um papel fundamental na socialização de crianças e adolescentes, sendo um espaço onde a construção da identidade ocorre intensamente. Apesar dos avanços em torno da visibilidade da diversidade sexual e de gênero no cenário brasileiro desde a implementação do programa “Brasil Sem Homofobia” (Brasil, 2004), os espaços educacionais ainda reproduzem práticas discriminatórias que se manifestam como bullying, ou, na tradução brasileira, como assédio escolar. Essas práticas reforçam normatividades por meio de mecanismos que excluem todas as experiências, expressões e identidades dissidentes da cisheteronormatividade, reforçando hierarquias sociais e morais.

Moyano e Sánchez-Fuentes (2020), em uma revisão sistemática internacional, afirmam que 29,5% dos estudos analisados indicam maior vulnerabilidade ao bullying entre estudantes LGBTQ+ em comparação aos cisheterossexuais. Meninos são mais propensos a sofrer bullying do que meninas, e a prevalência desse fenômeno, na perspectiva do público estudado pelos autores, varia entre 31,3% e 66,68%.

No Brasil, uma revisão sistemática de estudos dos últimos 20 anos sobre homofobia escolar (Santos; Cerqueira-Santos, 2020) identifica a escola como um ambiente propício ao bullying homofóbico, com destaque para a falta de competências do professorado em educação sexual e a normalização da linguagem homofóbica. Dados nacionais revelam que 60% dos LGBTQ+ se sentem inseguros na escola, 73% sofrem assédio verbal e 27% enfrentam agressões físicas (ABGLT, 2016).

Pesquisar sobre bullying homofóbico na escola encontra relevância social na sua capacidade de elucidar seus impactos negativos na saúde e bem-estar das vítimas; nos processos de ensino e aprendizagem; bem como no clima escolar. Pesquisar o bullying homofóbico auxilia também na melhor compreensão sobre como ele prejudica as relações intersubjetivas no âmbito das organizações escolares, comunitárias e familiares e perpetua a exclusão de minorias sexuais e de gênero. Tendo isso em mente, este estudo analisa as representações sociais de adolescentes brasileiros sobre as consequências do bullying homofóbico. Ao explorar tais representações, o estudo fornece subsídios para intervenções educacionais mais inclusivas, podendo contribuir para a mitigação dos impactos desse fenômeno.

1. Delimitação do bullying homofóbico

A homofobia refere-se ao preconceito e discriminação dirigida a pessoas do gênero e/ou sexo masculino com base na percepção da sua orientação sexual e/ou expressão de gênero – neste caso, homossexual masculino –, sejam eles gays ou heterossexuais (Vicente-Cruz, 2023a). Desse modo, mesmo quem se identifica como heterossexual, pode sofrer homofobia, uma vez que a expressão de gênero, muitas vezes, é mais importante que a orientação sexual como motivação para a opressão com base homofóbica, como ocorre no Brasil (Costa *et al.*, 2012; Vicente Da Cruz, 2019). Esse tipo de violência é especialmente evidente no contexto educacional, em que se manifesta de forma estrutural e persistente⁵.

O bullying homofóbico que ocorre nas escolas, é aqui entendido como uma relação assimétrica de poder no ambiente educacional, por meio da rejeição, discriminação, exclusão e/ou violência das instituições e estruturas sociais que se mantêm ao longo do tempo e não são ocasionais em relação a pessoas que não se conformam às normas de sexo-gênero-afeto (Ovejero, 2013; Rivers, 2011).

As dinâmicas de assédio escolar – sejam homofóbicas ou não – são complexas e envolvem múltiplos papéis associados, tais como: vítimas, agressores, reforçadores, público e defensores (Salmivalli *et al.*, 1996). Além da interação entre os pares, destacam-se outros agentes ativos no caso específico das dinâmicas de bullying homofóbico, como a estrutura social, instituições, corpo docente, famílias e comunidade (Fantus; Newman, 2021; Rudasill *et al.*, 2018), que assumem funções que podem tanto manter quanto interromper a dinâmica opressiva, dependendo de seu desempenho.

O bullying homofóbico apresenta problemáticas específicas que aumentam sua complexidade, como o estigma social, a naturalização da homofobia e a normalização da linguagem homofóbica. O estigma enfrentado por estudantes LGBT+ faz com que as vítimas hesitem em compartilhar suas experiências (Mcdavitt *et al.*, 2008), temendo falta de apoio familiar e social, algo menos comum em discriminações raciais, étnicas ou físicas, por exemplo. Essas circunstâncias explicam uma característica do bullying homofóbico: sua invisibilidade ou naturalização, ou seja, uma violência tratada como normal e aceita pela estrutura social, dificultando a sua detecção (Pichardo Galán *et al.*, 2015). Além disso, a normalização da linguagem homofóbica, percebida como inofensiva por ser parte da linguagem juvenil, afeta negativamente

5 Por esse motivo, para enfrentar esse problema, a Lei n.º 14.811, de 12 de janeiro de 2024, estabelece medidas de proteção a crianças e adolescentes contra toda forma de violência escolar, incluindo práticas de bullying e cyberbullying, que também afetam o coletivo LGBT+ (BRASIL, 2024).

a saúde integral dos jovens (Elipse; Espelage; Del Rey, 2021; Espelage *et al.*, 2018). Esses e outros fatores potencializam o estresse de minorias e o impacto do estigma sexual na saúde e no bem-estar.

2. Estresse de Minorias e o impacto do estigma sexual na saúde e no bem-estar

○ estresse das minorias sociais (Meyer, 2007) refere-se às fontes de estresse a que estão submetidos aqueles indivíduos que pertencem a uma minoria social, aos conflitos da condição de minoria com outros papéis que surgem como resultado do preconceito social, da discriminação, da estigmatização e do status de minoria culturalmente sancionado. Esses estressores criam um ambiente hostil e estressante que pode ter consequências significativas para a saúde física, mental, emocional e psicossocial das pessoas que vivenciam esse tipo de estresse.

○ estresse das minorias é caracterizado por sua cronicidade, sendo relativamente constante ao longo do tempo e profundamente enraizado em contextos sociais. Esses estressores derivam de processos sociais e institucionais difíceis de modificar e, por isso, excedem a capacidade das pessoas de transformar o entorno. Esse modelo permite identificar diferentes elementos dos processos de estresse, especialmente aqueles vinculados às pessoas não heterossexuais ou não cisgêneras, bem como suas consequências na saúde, ao abordar os efeitos dos preconceitos sociais.

Esse modelo enfatiza os condicionantes sociais, preconceitos, estereótipos e estigmas construídos socialmente em relação às dissidências sexuais e de gênero (Souza, 2014). Vive-se em uma sociedade que, frequentemente, culpa o indivíduo, tornando-o, em última instância, responsável por seus próprios problemas, especialmente quando utiliza estratégias baseadas na agressão defensiva para lidar com a discriminação (Vicente-Cruz *et al.*, 2025). No entanto, sabe-se que a estrutura social desempenha um papel crucial ao condicionar preconceitos e atos discriminatórios, influenciando a qualidade de vida das pessoas que enfrentam essas experiências negativas. Assim, existe o perigo de individualizar e patologizar a discriminação, tanto nos corpos e identidades LGBTQ+ quanto nas pessoas que perpetram esses atos violentos (THORNBERG, 2010). No caso do Brasil, essa violência se manifesta de forma alarmante, pois o país ocupa a desalentadora posição de líder mundial em assassinatos e homicídios contra pessoas LGBTQ+ (Observatório de mortes e violências LGBTQI+ no Brasil, 2024). Esse flagelo estrutural também se reflete no ambiente escolar, reforçando práticas opressivas e comprometendo a saúde e o bem-estar das vítimas.

As consequências do estresse de minorias no contexto do assédio escolar homofóbico abrangem tanto questões físicas quanto psicossomáticas nos estudantes afetados, incluindo emoções sociais negativas, como vergonha ou baixa autoestima (Elípe; Espelage; Del Rey, 2021; Kurki-Kangas *et al.*, 2020). Segundo Montañés e Iñiguez (2002), essas emoções são sociais porque emergem das relações interpessoais e adquirem significado de acordo com a situação e/ou o contexto sociocultural. Esse estresse provoca problemas psicológicos, como depressão e ansiedade (Garaigordobil; Larrain, 2020; Pegorin *et al.*, 2021), afetando o apoio social às vítimas (McDonald, 2018; Mitchell *et al.*, 2020). Incluem-se, também, problemas de ajustamento social, como isolamento, baixo desempenho acadêmico, evasão escolar, comportamento sexual de alto risco, uso de substâncias ilícitas (Bourne; Weatherburn, 2017; Lin; Liu, 2023; Mereish; Cox; Goldbach, 2023) e problemas físicos relacionados à falta de atividade física (Calzo *et al.*, 2014). Em casos extremos, essas consequências podem ser devastadoras, resultando em automutilação e outros comportamentos autodestrutivos, assim como distúrbios alimentares, suicídio ou tentativas de suicídio (Jadva *et al.*, 2023; Pegorin *et al.*, 2021; Vicente-Cruz *et al.*, 2025, entre outros).

No entanto, a homofobia também pode ser explicada em termos de estigma sexual (Herek, 2015), que se manifesta em duas dimensões principais. O estigma sexual individual ou interiorizado, se refere às atitudes negativas, preconceitos ou rejeição que uma pessoa direciona a si mesma ou a outros indivíduos LGBTQ+. Para pessoas LGBTQ+, isso pode incluir o autoestigma, que é a internalização de valores discriminatórios da sociedade, resultando em vergonha, medo de rejeição ou negação da própria identidade. Para os heterossexuais, o estigma individual pode se expressar em preconceito explícito ou discriminação contra pessoas LGBTQ+ ou aquelas percebidas como pertencentes a esse grupo. O estigma sexual estrutural representa as normas, valores, políticas e práticas institucionalizadas que perpetuam a desigualdade, a discriminação e a marginalização com relação às pessoas LGBTQ+ no nível social. Esse estigma é sustentado por sistemas culturais e legais que reforçam a cisheteronormatividade e restringem a identidade, a expressão e a sexualidade fora desse padrão. Essas duas dimensões interagem e se reforçam mutuamente, contribuindo para a perpetuação da homofobia em diferentes níveis, desde o individual até o estrutural.

Identificar-se como dissidente sexual e de gênero não precisa ser condição *sine qua non* para sofrer problemas de saúde, mas há evidências de que essa população apresenta maior vulnerabilidade a vivenciá-los, especialmente devido às pressões sociais, culturais e institucionais (Eisenberg; Gower; McMorris, 2016). Além disso, o bullying homofóbico

não só traz consequências graves para as pessoas afetadas, mas compromete a convivência nos contextos em que ocorre.

Este estudo, que parte de uma pesquisa mais ampla que analisa as dimensões estruturais do bullying homofóbico sob a ótica da Teoria das Representações Sociais (Arruda, 2002; Banchs, 1986, 2000; Moscovici, 1979), tem como objetivo analisar as representações sociais de adolescentes do Brasil sobre as consequências do bullying homofóbico. A dimensão “informação”, refere-se ao conjunto de conhecimentos, crenças e valores que fundamentam as representações sociais, sendo essencial para compreender como indivíduos e grupos constroem sentidos sobre fenômenos sociais. Essa dimensão organiza-se a partir de elementos culturais, ideológicos e contextuais específicos (Jodelet, 2001; Moscovici, 1979).

3. Método e materiais

Um total de 178 adolescentes (50% meninas; faixa etária de 11 a 16 anos ($M = 13,7$, $DP = 1,6$]) participaram de 45 grupos focais (GFs) em cinco escolas de Jundiá (SP), Brasil (quatro pessoas participaram de cada GF). Os níveis escolares analisados foram o 7º e o 9º ano do Ensino Fundamental II (EF), que representaram 66,86% da amostragem, e o 2º ano do Ensino Médio (EM), que correspondeu a 33,14%. Entre os participantes, apenas três se identificaram como não heterossexuais.

O estudo qualitativo do qual derivou este artigo, utilizou a técnica dos grupos focais (GFs), que é uma ferramenta valiosa para examinar as experiências cotidianas, as relações e as opiniões de adolescentes (Bagnoli; Clark, 2010). Os GFs servem como um meio essencial para abordar e mitigar os desequilíbrios de poder que possam existir entre pesquisadores e participantes, promovendo um ambiente mais equitativo e colaborativo (Adler; Salanterä; Zumstein-Shaha, 2019).

O estudo utilizou narrativas audiovisuais como estímulos para incentivar os participantes a expressarem suas opiniões e revelarem as suas representações sociais. As narrativas audiovisuais são uma ferramenta adequada para estudar preconceitos contra determinados grupos (Banas; Bessarabova; Massey, 2020), como pessoas LGBTQ+ (Mcguire et al., 2023; Vicente-Cruz, 2025). As narrativas foram construídas para facilitar uma representação do fenômeno mais próxima da experiência real do que se fosse apenas narrado verbalmente ou em desenhos, e incluem dois estereótipos associados à homossexualidade masculina: **ser** e **parecer** gay. Para isso, foram criados dois personagens, com diferentes tipos de expressões de gênero: **expressão de**

gênero não normativa, que confunde e rompe com os padrões, estruturas, significados e símbolos da masculinidade tradicional; e **expressão de gênero normativa**, que integra os códigos associados à masculinidade tradicional. Em cada GF foram apresentadas duas histórias em que a expressão de gênero não coincidissem (Vicente-Cruz, 2023b).⁶ Após assistir a cada vídeo, os participantes responderam a uma série de perguntas.

Instrumentos

Um roteiro semiestruturado foi elaborado para pesquisar as dimensões estruturais – informação, atitude e imagem – das representações sociais do bullying homofóbico. Para este estudo, utilizou-se três perguntas para explorar as representações sobre as consequências desse tipo de violência: “O que você acha que acontecerá com a vítima após sofrer bullying?”; “O que você acha que a vítima sentirá?”; e “Como você se sentiria em uma situação como essa?”.

Procedimentos

Foram incluídos estudantes de cinco escolas do município de Jundiá. Antes de iniciar a pesquisa, foi obtida autorização do Comitê de Ética [CAAE: 54415815.2.0000.5336], bem como o consentimento assinado pelos responsáveis legais dos adolescentes, de acordo com as Resoluções n.º 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012, 2016). Os participantes foram atribuídos aleatoriamente aos diferentes GFs, mantendo-se o equilíbrio de gênero em cada grupo. Primeiramente, os dois personagens foram apresentados em uma tela de computador como introdução ao debate (Figura 1).

⁶ Ver vídeo em: <http://hdl.handle.net/2445/198734>.

Figura 1: Instrumento gráfico: expressão de gênero dos personagens
Expressão de gênero não normativa - Expressão de gênero normativa



Conforme mencionado anteriormente, os adolescentes assistiram a duas narrativas audiovisuais, cada uma representando um tipo de expressão de gênero (Figura 2).

Figura 2: Quatro cenas do vídeo 3



As duas primeiras sequências ilustram o conflito entre o personagem protagonista, que é vítima, e o personagem secundário, um menino, devido à relação de amizade do personagem vítima com um menino que “todos dizem ser gay”. A terceira ilustração mostra o personagem vítima perguntando à personagem secundária, uma menina, por que os colegas os rejeitavam. A quarta ilustração mostra o personagem vítima dizendo ao personagem secundário que é gay.

Transcreveu-se os 45 GFs literalmente, e um pesquisador externo revisou as transcrições para garantir que os textos fossem reproduções fiéis dos

originais. Durante esse processo, o documento foi anonimizado e medidas foram implementadas para proteger a confidencialidade dos participantes. O foco da análise não foi examinar as interações dentro dos grupos, mas sim, descrever e identificar as representações sociais sobre as consequências do bullying homofóbico. Dois codificadores chegaram a um consenso sobre os temas e subtemas preliminares mais mencionados, utilizando as etapas da análise temática (Braun; Clarke, 2022, 2023). O software Atlas.ti foi utilizado para codificar os dados de nove GFs, a fim de refinar os temas e subtemas e avaliar o consenso. Esse processo resultou em um sistema composto por três temas e 22 subtemas.

4. Resultados e discussão

Nesta seção, serão apresentados os temas e subtemas relacionados com as informações sobre as consequências do bullying homofóbico. A análise temática forneceu evidências empíricas de que os adolescentes reconhecem predominantemente as consequências negativas do assédio escolar homofóbico, com maior destaque para as emoções sociais negativas (66,9% das menções), seguidos por impactos psicossociais, psicológicos e físicos (31,7% das menções combinadas). Embora em menor escala, há menções (1,4%) que indicam uma percepção de possíveis consequências benevolentes, sugerindo uma complexidade na dimensão estrutural do fenômeno. Como mencionado, essas emoções são consideradas sociais porque, nesse caso, emergem das relações interpessoais mediadas pelas dinâmicas de bullying homofóbico e estão intrinsecamente ligadas às interações conflituosas e às experiências vividas pelas vítimas nesse contexto. Esses dados qualitativos refletem as múltiplas dimensões das implicações do bullying homofóbico para as vítimas. A seguir, são apresentados os subtemas: **emoções sociais negativas** – ofendido, envergonhado, raivoso, julgado, triste, temeroso, solidão, vulnerável, inferior, estranho; **consequências psicossociais, psicológicas e físicas** – isolamento social, absentismo e abandono escolar, rejeição da família, problemas de conduta, depressão, interiorização do estigma sexual, pensamentos obsessivos, autolesão, transtornos de alimentação e ideação e/ou indução ao suicídio; e **emoções sociais benevolentes** – compadecido e feliz.

A partir dos temas e subtemas identificados, a análise dos resultados foi organizada em duas seções principais, explorando em profundidade as informações sobre as representações dos adolescentes sobre as consequências do bullying homofóbico. Na primeira seção, serão descritas e interpretadas as emoções sociais negativas e as consequências psicossociais,

psicológicas e físicas, destacando aspectos como o isolamento social, a interiorização do estigma e suas implicações no bem-estar das vítimas. A segunda seção ilustra as emoções sociais benevolentes, uma dimensão menos recorrente, mas que sugere nuances na forma como os adolescentes percebem o impacto do fenômeno.

Os resultados serão apresentados com base nos relatos dos participantes, ilustrando cada tema e subtema com as vozes que evidenciam as experiências e percepções compartilhadas nos GFs. Essa abordagem permitirá não apenas destacar os impactos dessa forma de violência, mas também, lançar luz sobre dinâmicas menos exploradas, como a homofobia por atribuição, fenômeno que descreve a discriminação contra pessoas percebidas erroneamente como gays (Vicente Da Cruz, 2019), e as emoções sociais benevolentes. A organização em subtítulos representativos para organizar as informações mais relevantes reforça a clareza e a conexão dos achados com o marco teórico, proporcionando uma interpretação detalhada e fundamentada.

Quando o bullying deixa marcas: impactos emocionais e consequências psicossociais, psicológicas e físicas

Nessa seção, emergem dimensões centrais como a rejeição familiar, o estigma sexual e o isolamento social, que amplificam os impactos negativos do bullying homofóbico. Essas experiências, marcadas por vulnerabilidade e sofrimento emocional, destacam as dinâmicas de exclusão e as consequências estruturais dessa violência no contexto escolar.

Rejeição familiar e suas consequências

As emoções sociais negativas (Kurki-Kangas *et al.*, 2020; Montañés; Iñiguez, 2002) e as consequências psicossociais, psicológicas e físicas (Lin; Liu, 2023; Mereish; Cox; Goldbach, 2023; Mitchell *et al.*, 2020) aparecem como dimensões centrais nas representações sociais dos adolescentes participantes dos GFs. Entre essas dimensões, a rejeição familiar (Mcdavitt *et al.*, 2008) destaca-se como uma base estrutural que amplifica os impactos do bullying homofóbico, criando um contexto de vulnerabilidade que molda as experiências das vítimas. Essa rejeição é uma característica específica do bullying que sofre LGBT+, como ilustrado no relato: “Meu tio morava em um apartamento e conhecia uma mãe que tinha um filho gay, mas a mãe não aceitava o filho. Então, ela não o aceitava como ele era e ele decidiu se suicidar” (Garoto, 15 anos, 2º EM). Seguindo o modelo de Meyer (2007), a rejeição familiar pode amplificar o impacto de experiências discriminatórias,

como o assédio escolar, aumentando a vulnerabilidade à ideação e indução ao suicídio (Pegorin *et al.*, 2021; Vicente-Cruz *et al.*, 2025).

A conexão entre a rejeição familiar e o suicídio foi reiteradamente mencionada nas entrevistas grupais, como se vê no seguinte relato de um adolescente: “Muitos jovens se matam, vários já se mataram. Eu tinha um amigo que morreu porque sofria bullying, porque era gay e ninguém aceitava, zombavam dele” (Garoto, 13 anos, 9º EF). A teoria do estresse de minorias sugere que a rejeição e o estigma interiorizado (Herek, 2015), claramente evidentes nesse relato, são fatores predisponentes ao suicídio (Jadva *et al.*, 2023) e há outras consequências negativas, como a depressão (Garaigordobil; Larraín, 2020; Hart *et al.*, 2018; McDonald, 2018).

Estigma sexual e exclusão social

○ estigma sexual, uma manifestação estrutural da homofobia, também impacta as relações interpessoais das vítimas, dificultando a formação de alianças sociais, conforme relatado por um adolescente: “A única coisa que eu acho que pediria para o meu filho era que fizesse as coisas com o namorado em outro lugar, que respeitasse em casa. Digamos que venham à casa hóspedes que não são como eu e não têm a mente aberta como eu” (Garoto, 13 anos, 9º EF). Essa suposta proteção familiar evidencia a interiorização do estigma sexual por heterossexuais (Herek, 2015) e a tentativa de impor a ocultação da homossexualidade (Vicente-Cruz *et al.*, 2025), que perpetua a invisibilidade da diversidade sexual, tanto no ambiente familiar quanto no social.

○ estigma sexual também afeta à formação de laços de amizade. Adolescentes evitam demonstrar apoio público às vítimas, temendo que sejam percebidos como LGBTQ+ e sofram homofobia por atribuição. Essa dinâmica, que impede a formação de laços de amizade, intensifica o isolamento social e contribui para a exclusão das vítimas, entre outros problemas que afetam a saúde e o bem-estar.

O isolamento como exclusão social e sanção de grupo

Entre os subtemas mais recorrentes, destaca-se o isolamento social, uma consequência direta do bullying homofóbico que é frequentemente invisibilizado e tratado como normal no contexto escolar (Pichardo Galán *et al.*, 2015). Esse isolamento reflete as dificuldades em comunicar sobre o assédio escolar homofóbico, muitas vezes marcado pela percepção de desamparo e ausência de redes de apoio. Essas condições promovem o

fenômeno do “desamparo aprendido”, como evidenciado pelo relato de um participante: “Ele tem medo. Se ele falar alguma coisa, vão rir da cara dele, vão xingar mais ele” (Garoto, 15 anos, 2º EM). Esse desamparo não apenas intensifica o silêncio das vítimas, mas também, desencadeia emoções sociais negativas, como a tristeza, expressa em comentários como: “Acho que ele ficaria muito triste, porque eu penso assim, a sala toda, a escola toda acha que ele é gay. Acho que ele ficaria muito triste” (Garota, 2º EM), e a solidão, ilustrada pelo fragmento “Triste, solitário” (Garoto, 11 anos, 7º EF).

O isolamento social, como uma das consequências mais evidentes dessa manifestação, pode levar ao absenteísmo e abandono escolar, configurando-se como um desdobramento crítico dessa violência. Essa relação é ilustrada nas vozes dos participantes, como no seguinte relato: “Eu perderia mais ou menos a vontade de vir para a escola, né? Porque não é bom você vir para a escola, um ambiente para você estudar e uma pessoa tirar sarro, te maltratar” (Garoto, 11 anos, 7º EF). A decisão de abandonar a escola, espaço primordial de socialização na infância e adolescência, implica na redução de oportunidades de integração social, aumento do risco de exclusão e comprometimento do bem-estar. Assim, o isolamento não é apenas uma consequência direta do assédio, mas um mecanismo de manutenção das hierarquias cisheteronormativas na escola.

De acordo com Moyano e Sánchez-Fuentes (2020), o impacto do bullying homofóbico vai além das vítimas individuais, comprometendo a convivência e as dinâmicas escolares. A intervenção de toda a comunidade educativa é crucial para prevenir e mitigar esse fenômeno, dado que sua naturalização no contexto escolar dificulta ações proativas e reforça estruturas discriminatórias. No entanto, o corpo docente, frequentemente, não reconhece a presença de estudantes LGBTQ+ em suas turmas, ignorando a diversidade, perpetuando ambientes excludentes (Elife; Espelage; Del Rey, 2021; Pichardo Galán *et al.*, 2015) e intensificando o isolamento social.

O isolamento social também aparece como uma forma de sanção grupal, em que as vítimas são culpadas e julgadas por sua própria vitimização. Isso é exemplificado no relato: “Todo mundo sabe que ele é gay, ele vai tentar mudar o que as pessoas pensam dele, ou ele vai ficar isolado em um canto, sozinho, sem falar com ninguém” (Garoto, 13 anos, 9º EF). A culpabilização da vítima, expressa em: “Eu me sentiria mal e diria: ‘poxa, eles estão me julgando, mas eles não sabem quem eu sou, eles não sabem se eu sou gay. Então eu me sentiria culpada” (Garota, 13 anos, 9º EF), reflete dinâmicas estruturais de discriminação, em que a homossexualidade é vista como algo alheio às normas de grupo, dificultando a defesa das vítimas e ampliando seu

isolamento (Van Der Ploeg *et al.*, 2017). Essa violência, que é intencional, sistemática e abusiva (Rivers, 2011), cria um ambiente hostil que reforça o estresse de minorias sociais, como descrito por Meyer (2007), além de intensificar as múltiplas formas de discriminação sofridas pelas vítimas.

Vulnerabilidade, julgamento social e o peso da vergonha e do silêncio

Sentimentos de vulnerabilidade e julgamento emergem como marcadores relevantes: “Ele vai ficar inseguro com tudo que fizer. Até para entrar no grupo se sentirá inseguro. Você não tem a mesma segurança que outras pessoas têm. Se alguém erra, está tudo bem, mas se você erra, todos irão julgá-lo, excluí-lo” (Garoto, 15 anos, 2º EM). Esse relato reflete o impacto do estresse de minorias sociais (Meyer, 2007) e o estigma sexual interiorizado da vítima (Herek, 2015), que destaca como os indivíduos em contextos hostis desenvolvem uma hipervigilância emocional e social que compromete sua qualidade de vida.

Além disso, a vergonha, mencionada por vários participantes como um sentimento recorrente, contribui para o afastamento dos pares: “Ele tem vergonha de falar com a outra pessoa, que sabe que vai julgá-lo” (Garota, 15 anos, 2º EM). Esse afastamento reflete, outra vez mais, a internalização do estigma sexual da vítima (Herek, 2015), frequentemente descrita na literatura como um fator que intensifica o desamparo e a exclusão social. A vergonha também está associada à invisibilidade do bullying homofóbico, que, como observado por Pichardo Galán *et al.* (2015), é tratado como normal e aceito socialmente.

Naturalização da violência e exclusão: a normalização da linguagem homofóbica

A naturalização da violência escolar homofóbica se traduz em uma negligência institucional em reconhecer a diversidade sexual e de gênero nas salas de aula. Conforme indicado por McDavitt *et al.* (2008), as vítimas hesitam em compartilhar suas experiências por medo de falta de apoio. Esse fenômeno, mais frequente no bullying LGBTfóbico do que em outras formas de discriminação escolar, reflete a percepção de que a orientação sexual ou expressão de gênero dissidente não merece proteção social. Como salientado por Santos e Cerqueira-Santos (2020), a ausência de políticas inclusivas no Brasil e a normalização da linguagem homofóbica nos ambientes educacionais reforçam essa invisibilidade. Problematicar essas dinâmicas é essencial para romper com a naturalização da violência e promover um ambiente

educacional mais inclusivo, destacando a importância de capacitar as escolas para lidar com as problemáticas específicas relacionadas à diversidade sexual e de gênero.

A normalização do bullying homofóbico no ambiente escolar é um dos principais fatores que dificultam sua identificação (Pichardo Galán *et al.*, 2015). Muitas situações discriminatórias não são percebidas como problemáticas, como ignorar um garoto por gostar de outro garoto ou o uso de termos depreciativos como “bicha” e “viado” como referências à homossexualidade (Vicente-Cruz *et al.*, 2025). Essas práticas estão alinhadas à normalização da linguagem homofóbica (ABGLT, 2016), descrita como parte da linguagem juvenil e vista como inofensiva (Espelage *et al.*, 2018). No entanto, como mencionado por Elipe, Espelage e Del Rey (2021), esses comportamentos têm impactos significativos na construção da identidade psicossocial das vítimas.

O silêncio institucional como perpetuação da discriminação

A falta de contestação à homofobia no ambiente escolar reforça as dinâmicas opressivas, tornando o silêncio um mecanismo cúmplice na perpetuação da discriminação. O silêncio institucional em torno do assédio escolar homofóbico reflete, ainda, uma questão estrutural porque destaca o papel das instituições na manutenção das dinâmicas opressivas.

Portanto, a problemática do bullying homofóbico vai além do âmbito individual e grupal, revelando uma estrutura que reforça hierarquias de poder e estigmatiza as dissidências sexuais e de gênero. Vicente-Cruz *et al.* (2025) destacam que, embora existam estratégias assertivas para enfrentar a violência, essas frequentemente envolvem comportamentos e respostas utilizadas para se adaptar a ambientes hostis, como promover a cisheteronormatividade ou socializar-se com cúmplices do assédio, o que pode gerar efeitos negativos para a saúde das vítimas.

Relação entre depressão e suicídio

A depressão foi frequentemente mencionada como consequência do bullying homofóbico, quando um dos participantes relatou, referindo-se a um amigo seu, disse: “Ele ficaria com depressão. E a depressão às vezes leva à morte, dependendo de quanto tempo ele permaneça assim. Ele ficaria muito chocado e tentaria fazer algo que não deveria” (Garoto, 13 anos, 9º EF). Essa associação entre depressão e suicídio no relato acima, reflete o impacto devastador do bullying homofóbico em sociedades homofóbicas, como o

Brasil, que lidera globalmente em assassinatos e homicídios contra pessoas LGBTQ+ (Observatório de mortes e violências LGBTQI+, 2024).

Além da depressão, os participantes destacaram, também, os pensamentos obsessivos: “Ele pensa muito nisso, que a sociedade ia começar a excluí-lo. Ele fica preso nisso, pensa coisas malucas” (Garoto, 15 anos, 2º EM). Esses pensamentos refletem a interiorização do estigma (Herek, 2015), que é um dos efeitos mais prejudiciais do bullying homofóbico. Nas sociedades homofóbicas, a demonstração de afeto entre pessoas do mesmo sexo é frequentemente interpretada como falta de respeito (Vicente Da Cruz, 2019), gerando emoções destrutivas como medo, tristeza e solidão: “A pessoa fica com medo e aí ela não quer jogar futebol porquê [...] os outros vão querer bater nele. Então eles não o deixam jogar, ele fica triste e vai embora e não joga” (Garoto, 13 anos, 9º EF). A falta de envolvimento em atividades físicas pode impactar negativamente a saúde das vítimas no longo prazo, aumentando o risco de problemas físicos e psicológicos, como obesidade, ansiedade e baixa autoestima (Calzo *et al.*, 2014; Pegorin *et al.*, 2021).

Problemas comportamentais e consequências menos frequentes

Os problemas comportamentais, como a agressividade mencionada pelos adolescentes, refletem uma resposta às emoções sociais negativas geradas pelo bullying homofóbico, como ofensa, raiva e tristeza. Esses comportamentos, como destacado na voz de um estudante – “Há pessoas que, por causa do bullying que sofrem, acabam sendo agressivas” (Garoto, 15 anos, 2º EM) –, podem ser interpretados como uma estratégia patriarcal de defesa, uma tentativa de sobrevivência em um contexto social homofóbico, mediante a reprodução da violência. Nesse cenário, a agressão defensiva surge como uma resposta válida para lidar com a constante hostilidade, mas também pode reforçar o ciclo de exclusão social e estigmatização (Vicente-Cruz *et al.*, 2025).

Essa dinâmica é agravada pelo fato de que, ao reproduzir violências patriarcais, as vítimas frequentemente enfrentam múltiplas discriminações: pela homofobia que enfrentam e pela exclusão social causada por uma suposta agressividade, que na verdade é defensiva. Como indicado por Birkett e Espelage (2015), essa perpetuação da violência também pode levar a uma autoexclusão, intensificando ainda mais a marginalização das vítimas no ambiente escolar e social.

Outras consequências, menos mencionadas, mas igualmente relevantes, incluem automutilação: “Acho que isso também não é legal, porque tem

gente que se corta porque os outros falam. Então, eles levam muito a sério e se cortam” (Garota, 11 anos, 7º EF), e transtornos alimentares: “Tem gente que, por sofrer bullying na escola, quando está em casa se fecha, não come. Já vi casos assim” (Garota, 11 anos, 7º EF). Tais comportamentos reforçam a importância do papel da família na identificação do bullying homofóbico, especialmente quando a vítima apresenta sinais físicos, como cortes, hematomas ou cicatrizes não explicados, ou mudanças significativas na conduta, como isolamento, perda de apetite, alterações bruscas de humor ou recusa em frequentar a escola.

Quando a empatia se manifesta em contextos homofóbicos: emoções benevolentes e respostas ao bullying homofóbico

Um achado pouco comum nas falas do alunado foi a presença de emoções sociais benevolentes, associadas às situações de violência. Essas emoções, ainda que menos frequentes, oferecem uma perspectiva singular sobre as dinâmicas de interação diante do bullying homofóbico.

Compaixão como resposta ao agressor

Uma das emoções benevolentes identificadas foi a compaixão. Essa emoção apareceu associada à percepção de fragilidade do agressor, como ilustrado pelo relato: “Acho que ela sente compaixão do agressor. Eu acho que ele sente dó do agressor, porque ele parece uma pessoa [...] Se uma pessoa quer o mal de outra pessoa é porque ela não está feliz com sua vida” (Garota, 11 anos, 7º EF). Resultados semelhantes foram encontrados por Thornberg (2010), em que o comportamento agressivo era associado a problemas intrapessoais enfrentados pelos agressores.

Felicidade como aprendizado relacional

Outra emoção social encontrada foi a felicidade, associada a uma sensação de bem-estar, derivada de aprendizados sobre as relações interpessoais: “Acho que ficaria um pouco mais feliz, porque poderia dizer quem é meu amigo de verdade e quem não é e quem está ao meu lado apenas nos bons momentos. Em tempos difíceis, eles [os amigos] não estariam lá. Isso seria uma coisa boa. Eu saberia realmente diferenciar quem é amigo” (Garoto, 15 anos, 2º EM). Essa perspectiva reflete uma expressão assertiva e criativa como resposta ao assédio escolar homofóbico, em que as vítimas ressignificam suas experiências de forma positiva.

Estratégia de desvinculação e/ou compensatórias e implicações para a comunidade escolar

Ao analisar as categorias de compaixão e felicidade, ressalta-se que 96,6% dos participantes se identificaram como heterossexuais. O surgimento dessas emoções pode ser compreendido como estratégias de desvinculação e/ou compensatórias, em que a desvinculação se refere a um afastamento simbólico entre a empatia pela vítima e a ameaça à identidade do indivíduo, enquanto compensação atua como uma forma de preservar uma autoimagem positiva frente ao bullying homofóbico. Dito em outras palavras, ajuda na manutenção de uma identificação positiva com a categoria heterossexual diante de situações de bullying homofóbico. Essa desvinculação não compromete a identidade das mulheres, cuja empatia pela vítima não implica uma desconstrução de seu lugar como pertencente à categoria heterossexual associada ao gênero masculino. Entre os homens, reconhecer o sofrimento da vítima pode gerar sensações de frustração ou impotência.

Esse cenário torna visível o impacto do bullying homofóbico, mesmo entre aqueles que se identificam ou são identificados como heterossexuais, destacando a importância do envolvimento da comunidade escolar na luta contra essa violência. Como reiterado, o assédio escolar homofóbico não apenas afeta as vítimas, mas também tem repercussões na comunidade educativa.

Conclusões

Os resultados deste estudo ampliam o entendimento sobre as consequências do bullying homofóbico ao confirmar, sob a perspectiva da Teoria do Estresse Minoritário (Meyer, 2007), os impactos negativos que afetam, profundamente, a saúde e bem-estar das vítimas. Além disso, reforçam a relevância da Teoria das Representações Sociais (TRS) (Moscovici, 1979) ao evidenciar como os adolescentes possuem conhecimento sobre essas consequências dessa manifestação, sugerindo que há uma internalização desse saber em suas representações sociais. Segundo Ovejero (2013), compreender as implicações da violência escolar é fundamental para identificar e delimitar qualquer forma de assédio escolar.

A utilização de narrativas audiovisuais mostrou-se uma ferramenta metodológica eficaz para a investigação psicológica e educativa no contexto do bullying homofóbico. A estrutura das narrativas possibilitou a projeção de percepções e crenças em um ambiente seguro e controlado, minimizando o desconforto associado a perguntas diretas sobre temas sensíveis, como

preconceitos e violência escolar. Essa abordagem promove reflexões críticas e espontâneas, gerando dados relevantes e, ao mesmo tempo, sensibilizando os adolescentes sobre os impactos do assédio escolar homofóbico. Portanto, sua eficácia não se limita à coleta de dados, mas contribui para intervenções que promovam inclusão e diversidade nas escolas.

Um dos achados deste estudo foi a identificação de emoções sociais negativas resultantes das interações sociais, como ofensa, vergonha, raiva, julgamento, tristeza, medo, isolamento, solidão, vulnerabilidade, sentimento de inferioridade e sensação de estranheza. Os adolescentes indicaram que o assédio escolar homofóbico não apenas afeta a autoestima e o bem-estar da vítima, mas também, gera um clima de evasão de determinados espaços ou atividades. As narrativas possibilitaram que os participantes projetassem suas emoções em situações fictícias, oferecendo uma visão de suas atitudes em relação à homossexualidade e à conformidade com normas de gênero tradicionais.

Entre as consequências negativas indicadas pelos adolescentes, destaca-se a ideação e indução ao suicídio, uma manifestação extrema do impacto do bullying homofóbico. A presença dessas consequências nas representações sociais dos adolescentes brasileiros reflete a alarmante realidade social do país, que lidera mundialmente os homicídios e assassinatos contra pessoas LGBTQ+ (Observatório de mortes e violências LGBTQI+, 2024). O estigma social associado à etiqueta “gay”, frequentemente, obriga muitos adolescentes a se ocultarem e adequarem aos mandatos de gênero tradicionais na tentativa de preservar sua integridade física, psicológica, emocional e psicossocial. O exposto contribui para a interiorização do estigma sexual, resultando em outras consequências graves, como pensamentos obsessivos, autolesão e transtornos alimentares.

O conhecimento dos adolescentes sobre as consequências negativas que as vítimas de bullying homofóbico sofrem revela um aspecto ético, estético e político (Lemos; Moraes Júnior, 2024) do cuidado ao outro de grande relevância. Esse enfoque sugere que, ao compreender o impacto negativo do assédio sob uma ótica grupal, os jovens podem desenvolver maior sensibilidade e empatia em relação às vítimas, o que pode atuar como uma ferramenta preventiva e transformadora nas dinâmicas das relações. Contudo, também levanta outras questões, como a responsabilidade da família, dos educadores, da comunidade e da sociedade para fomentar a conscientização, e o papel dos pares na reprodução ou mitigação do assédio. Caso os pares reconheçam plenamente as consequências negativas do bullying homofóbico, abre-se uma via para questionar não apenas o ato em si, mas a estrutura social que permite

ou minimiza sua existência, convidando a sociedade a uma reflexão crítica e a uma postura ética, estética e política comprometida frente às práticas que vulnerabilizam a saúde e o bem-estar, não somente das vítimas, mas de toda a comunidade educativa.

Por outra parte, alguns participantes expressaram emoções sociais benevolentes, como compaixão ou felicidade, ao presenciar o sofrimento da vítima ou ao perceberem a possibilidade de identificar “verdadeiros amigos” nessas situações adversas. No entanto, a presença dessas emoções, supostamente positivas, pode, em certos casos, funcionar como um mecanismo de desvinculação ou justificação da violência, minimizando seu impacto e, indiretamente, legitimando o assédio, ao interpretá-lo como uma questão relacionada a problemas de saúde mental do agressor, por exemplo. Nesse cenário, considera-se urgente retomar a construção de políticas antibullying que sensibilizem e envolvam a comunidade escolar, incluindo a implementação da Lei n.º 14.811, que estabelece medidas de proteção a crianças e adolescentes contra o bullying e cyberbullying (Brasil, 2024). Além disso, é fundamental fomentar o desenvolvimento de habilidades e competências que visem romper com o silêncio das vítimas e dos pares, promover a interação assertiva e encorajar o posicionamento ativo contra toda forma de violência escolar.

Este estudo evidencia, ainda, uma lacuna na literatura brasileira sobre as consequências do bullying homofóbico, especialmente sob a ótica da TRS. Embora existam pesquisas nacionais sobre representações sociais do *bullying*, poucas abordam especificamente suas consequências no contexto da homofobia (Vicente da Cruz, 2019). Assim, ao trazer uma análise baseada em dados empíricos do Brasil, este estudo contribui para o avanço do conhecimento sobre o fenômeno, fortalecendo a compreensão de seus impactos e implicações.

Para futuras pesquisas, seria importante abordar outras formas de assédio escolar, além de ampliar a perspectiva interseccional sob a ótica da TRS, e incluir outras dimensões de opressão, como raça-etnia e classe social. Essas variáveis podem acrescentar camadas de análise e representar a realidade de múltiplas formas de exclusão e vulnerabilidade que afetam os jovens nas instituições de ensino. Ignorar esses fatores, em sociedades multiculturais, pode resultar em uma representação limitada da realidade social, considerando que muitos estudantes enfrentam diferentes experiências de exclusão, como o racismo, o capacitismo ou o classismo. A escassez de estudos que explorem essas facetas reflete uma lacuna crítica nesse campo de estudo. Isso convida ao desenvolvimento de ferramentas audiovisuais que abordem,

especificamente, as vivências de pessoas bissexuais, lésbicas, assexuais, trans, não binárias entre outras, com foco na interseccionalidade.

Além disso, seria relevante aprofundar o estudo sobre as emoções sociais benevolentes, analisando, particularmente, as diferenças de gênero na forma como essas emoções são expressas e compreendidas, bem como seus possíveis impactos na perpetuação ou mitigação das dinâmicas de bullying homofóbico. As diferenças de gênero na expressão das emoções refletem o papel das normas sociais, que moldam as maneiras como as pessoas podem reagir às dinâmicas de exclusão e ao sofrimento alheio, reforçando desigualdades nos processos de empatia e identificação.

Em suma, os resultados desta pesquisa podem ser representativos de outras cidades brasileiras e de contextos socioculturais internacionais com características semelhantes. Este estudo conclui com a expectativa de que é possível construir uma sociedade em que o tratamento igualitário esteja integrado às práticas sociais cotidianas. Para isso, torna-se essencial identificar a abrangência da homofobia, promover campanhas de conscientização, engajar toda a comunidade educativa e desenvolver estratégias eficazes para sua prevenção e detecção precoce. Espera-se que este estudo contribua, significativamente, para futuras pesquisas sobre o bullying homofóbico.

Referências

ADLER, Kristina; SALANTERÄ, Sanna; ZUMSTEIN-SHAHA, Monika. “Focus group interviews in child, youth, and parent research: an integrative literature review”. **International Journal of Qualitative Methods**, v. 18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1609406919887274>.

ARRUDA, Angela. “Teoria das representações sociais e teorias de gênero”. **Cadernos de Pesquisa**, v. 117, pp. 127-147, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS [ABGLT]. **Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: Secretaria de Educação, 2016.

BAGNOLI, Anna; CLARK, Avril. “Focus groups with young people: a participatory approach to research planning”. **Journal of Youth Studies**, v. 13, n. 1, pp. 101-119, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/13676260903173504>.

BANAS, John A.; BESSARABOVA, Elena; MASSEY, Zachary B. "Meta-analysis on mediated contact and prejudice". **Human Communication Research**, v. 46, n. 2-3, p. 120-160, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1093/hcr/hqaa004>.

BANCHS, Maria. "Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de las representaciones sociales". **Peer Reviewed Online Journal**, v. 9, pp. 3.1-3.5, 2000.

BANCHS, Maria. "Concepto de representaciones sociales: análisis comparativo". **Revista Costarricense de Psicología**, v. 8, n. 9, pp. 27-40, 1986.

BIRKETT, Michelle; ESPELAGE, "Dorothy L. Homophobic name-calling, peer groups, and masculinity: the socialization of homophobic behavior in adolescents". **Social Development**, v. 24, pp. 184-205, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1111/sode.12085>.

BOURNE, Adam; WEATHERBURN, Peter. "Substance use among men who have sex with men: patterns, motivations, impacts and intervention development need". **Sexually Transmitted Infections**, v. 93, n. 5, p. 342-346, 2017. Disponível em: <<https://sti.bmj.com/content/93/5/342.citation-tools>>. Acesso em: 25 de outubro de 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.º 466/2012**, de 12 de dezembro de 2012. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2012. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2024.

_____. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.º 510/2016**, de 7 de abril de 2016. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>. Acesso em: 9 de dezembro de 2024.

_____. **Lei n.º 14.811**, de 12 de janeiro de 2024. Estabelece medidas de proteção a crianças e adolescentes contra a violência em ambientes educacionais. Brasília: Diário Oficial da União, 2024.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. "Comparing reflexive thematic analysis and other pattern-based qualitative analytic approaches". **Counselling and Psychotherapy Research**, 2022.

_____. "Toward good practice in thematic analysis: avoiding common problems and be(com)ing a knowing researcher". **International Journal of Transgender**

Health, v. 24, n. 1, pp. 1-6, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/26895269.2022.2129597>.

CALZO, Jerel P. *et al.* « Physical activity disparities in heterosexual and sexual minority youth ages 12-22 years old: roles of childhood gender nonconformity and athletic self-esteem ». **Annals of Behavioral Medicine**, v. 47, n. 1, pp. 17-27, 2014.

COSTA, Angelo Brandelli *et al.* “Homophobia or sexism? A systematic review of prejudice against nonheterosexual orientation in Brazil”. **International Journal of Psychology**, v. 48, pp. 1-10, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/00207594.2012.729839>.

EISENBERG, Maria E.; GOWER, Amy L.; MCMORRIS, Barbara J. “Emotional health of lesbian, gay, bisexual and questioning bullies: does it differ from straight bullies?”. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 45, pp. 105-116, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10964-015-0316-y>.

ELIPE, Paz; ESPELAGE, Dorothy L.; DEL REY, Rosario. “Homophobic verbal and bullying victimization: overlap and emotional impact”. **Sexuality Research and Social Policy**, v. 18, pp. 1-12, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00613-7>.

ESPELAGE, Dorothy L. *et al.* « Longitudinal examination of the bullying-sexual violence pathway across early to late adolescence: implicating homophobic name-calling ». **Journal of Youth and Adolescence**, v. 47, n. 9, pp. 1880-1893, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10964-018-0827-4>.

FANTUS, Sophia; NEWMAN, Peter A. “Promoting a positive school climate for sexual and gender minority youth through a systems approach: a theory-informed qualitative study”. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 91, n. 1, p. 9, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1037/ort0000513>.

GARAIGORDOBIL, Maite; LARRAIN, Enara. “Acoso y ciberacoso en adolescentes LGTB: prevalencia y efectos en la salud mental”. **Comunicar**, v. 28, n. 62, pp. 79-90, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3916/C62-2020-07>.

HART, Trevor A. *et al.* “Childhood maltreatment, bullying victimization, and psychological distress among gay and bisexual men”. **The Journal of Sex Research**, v. 55, n. 4-5, pp. 604-616, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/00224499.2017.1401972>.

HEREK, Gregory. “Beyond ‘homophobia’: thinking more clearly about stigma, prejudice, and sexual orientation”. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 85, n. 5, pp. 29-37, 2015.

JADVA, Vasu *et al.* “Predictors of self-harm and suicide in LGBT youth: the role of gender, socio-economic status, *bullying* and school experience”. **Journal of Public Health**, v. 45, n. 1, pp. 102-108, 2023.

JODELET, Denise. “Representações sociais: um domínio em expansão”. In: MOSCOVICI, Serge (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2001. pp. 17-44.

KURKI-KANGAS, Leena *et al.* “Associations between involvement in *bullying* and emotional and behavioral symptoms: are there differences between heterosexual and sexual minority youth?”. **Journal of School Violence**, v. 19, n. 3, pp. 309-322, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/15388220.2019.1691009>.

LEMOS, Flávia Cristina; MORAES JÚNIOR, Manoel Ribeiro. “O grupo como dispositivo ético, estético e político de governo de si e dos outros”. **ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 13, n. 2, pp. 224-231, 2024. Disponível em: <<https://periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/3203>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2024.

LIN, Kevin; LIU, Liza. “Friendly teasing or traumatic *bullying*? Examining the conditioning effect of social distance on the negative psychological outcomes of homophobic name-calling”. **Journal of School Violence**, v. 22, n. 3, pp. 429-441, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1080/15388220.2023.2211769>.

MCDAVITT, Bryce *et al.* “Strategies used by gay and bisexual young men to cope with heterosexism”. **Journal of Gay & Lesbian Social Services**, v. 20, n. 4, pp. 354-360, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/10538720802310741>.

MCDONALD, Kelley. “Social support and mental health in LGBTQ adolescents: a review of the literature”. **Issues in Mental Health Nursing**, v. 39, n. 1, pp. 16-29, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/01612840.2017.1398283>.

MCGUIRE, Lindsay *et al.* “Indirect contact and adolescents’ intentions as bystanders to LGBTQ+ microaggressions”. **Journal of Applied Developmental Psychology**, v. 84, Article 101485, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2022.101485>.

MEREISH, Eliana H.; COX, Daniel J.; GOLDBACH, Jeremy T. “Heterosexist *bullying* victimization and perpetration and substance use among heterosexual adolescents”. **International Journal of Behavioral Medicine**, v. 30, pp. 431-437, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12529-022-10109-2>.

MEYER, Ilan H. **Prejudice and discrimination as social stressors**. The health of sexual minorities. Boston: Springer, 2007. pp. 242-267.

MITCHELL, Kimberly J. *et al.* “Exposure to multiple forms of bias victimization on youth and young adults: relationships with trauma symptomatology and social support”. **Journal of Youth and Adolescence**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01304-z>.

MONTAÑÉS, Mariano Chóliz; IÑIGUEZ, Consolación Gómez. “Emociones sociales II (enamoramiento, celos, envidia y empatía)”. In: PALMERO CANTERO, Francesc *et al.* **Psicología de la motivación y emoción**. Madrid: McGrawHill, 2002. p. 395–418.

MOSCOVICI, Serge. **La psychanalyse**: son image et son public. Paris: PUF (Presses Universitaires de France), 1979.

MOYANO, Nieves; SÁNCHEZ-FUENTES, Maria del Mar. “Homophobic bullying at schools: a systematic review of research, prevalence, school-related predictors and consequences”. **Aggression and Violent Behavior**, v. 53, Article 101441, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2020.101441>.

OBSERVATÓRIO DE MORTES E VIOLÊNCIAS LGBTI+ NO BRASIL. **Dossiê 2023**. Disponível em: <<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2023/>, 2024>. Acesso em: 9 de dezembro de 2024.

OVEJERO, Anastasio. “El acoso escolar: cuatro décadas de investigación internacional. In: _____; SMITH, Peter K.; YUBERO, Santiago. **El acoso escolar y su prevención**: perspectivas internacionales. Madrid: Biblioteca Nueva, 2013. pp. 11–56.

PEGORIN, Laura Costa *et al.* “Impactos do bullying e cyberbullying homofóbicos na saúde mental de estudantes”. In: ANTONIASSI JUNIOR, Gilmar; BERETTA, Regina Célia de Souza; BORGES, Marilurdes Cruz (Org.). **Contribuições da psicologia na promoção da saúde psicossocial para a sustentabilidade**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2021. pp. 52–68. DOI: <https://doi.org/10.47791/RGE/89271-43-03>.

PICHARDO GALÁN, José Ignacio *et al.* **Abrazar la diversidad**: propuestas para una educación libre de acoso homofóbico y transfóbico. 2015. Disponível em: <https://healtheducationresources.unesco.org/library/documents/abrazar-la-diversidad-propuestas-para-una-educacion-libre-de-acoso-homofobico-y>. Acesso em: 09 de dezembro de 2024.

RIVERS, Ivan. **Homophobic bullying**: research and theoretical perspective. New York: Oxford University Press, 2011.

RUDASILL, Kathleen Moritz *et al.* „Systems view of school climate: a theoretical framework for research”. **Educational Psychology Review**, v. 30, pp. 35-60, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s10648-017-9401-y>.

SALMIVALLI, Christina *et al.* « *Bullying* as a group process: participant roles and their relations to social status within the group”. **Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression**, v. 22, n. 1, pp. 1-15, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1996\)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1996)22:1<1::AID-AB1>3.0.CO;2-T).

SANTOS, Jean Jesus; CERQUEIRA-SANTOS, Elder. “Homofobia e escola: uma revisão sistematizada da literatura”. **Revista Subjetividades**, v. 20, especial 1, 2020. DOI: <http://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iesp1.e8734>.

SOUZA, Leonardo Lemos de. “Representações de gênero e resolução de conflitos morais entre jovens na escola”. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 9, n. 1, pp. 118-129, 2014.

THORNBERG, Robert. “Schoolchildren’s social representations on *bullying* causes”. **Psychology in the Schools**, v. 47, n. 4, pp. 311-327, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1002/pits.20472>.

VAN DER PLOEG, Rozemarijn *et al.* “Defending victims: what does it take to intervene in *bullying* and how is it rewarded by peers?”. **Journal of School Psychology**, v. 65, pp. 1-10, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jsp.2017.06.002>.

VICENTE DA CRUZ, Emerson. **Representaciones sociales del bullying homofóbico en adolescentes de Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universitat de Barcelona, 2019.

VICENTE-CRUZ, Emerson. **Batería de instrumentos audiovisuales para investigar el bullying homofóbico en la adolescencia [vídeo]**. Número de Asentamiento Registral 02/2021/502, 2023b. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2445/198734>. Acesso em: 9 de dezembro de 2024.

_____. “Desarrollo y aplicación de narrativas audiovisuales para la investigación y la intervención en el acoso escolar homofóbico en la adolescencia”. In: SOTO-SANFIEL, Maria T.; MASANET, Maria-Jose; VÁZQUEZ-TAPIA, Emilio A. (Eds.). **Perspectivas globales sobre género y sexualidades en los medios**. Berlin: Peter Lang, 2025.

_____. “Homofobia”. In: DIOGO, Maria Fernanda (Org.). **Diálogos interdisciplinares em psicologia e educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023a. pp. 83–91.

_____; SALDAÑA, Omar; VALVERDE, Guillermo; LEMOS DE SOUZA, Leonardo. “Taxonomy of strategies for coping with school homophobic *bullying*”. **Journal of School Violence**, [no prelo], 2025.

Recebido em janeiro de 2025.

Aceito em fevereiro de 2025.